

NO apoio às PME, o Millennium bim acaba de anunciar o 1.º evento denominado "Negócios do Millennium", mais logo na Tenda do Hotel Cardoso, em Maputo. Os "Negócios do Millennium" têm como objectivo promover a partilha de informação e gerar oportunidades de negócio para as PME através de um debate sobre o investimento e o potencial de desenvolvimento de Moçambique. Este evento contará com a presença de da província da cidade de Maputo, Iolanda Cintura, do Director Geral do Instituto para Promoção de Pequenas e Médias Empresas, Claire Zimba, do Representante do Banco Europeu de Investimento, Filipe Marques, do Presidente da Comissão Executiva do Millennium bim, José Reino da Costa, bem como de Colaboradores do Banco, Entidades Públicas e Governamentais, e de várias Empresas convidadas.

Expresso
da tarde

BOM DIA

SEX 04 MAI 2018 * EDIÇÃO 4386 * ANO XXI
FUNDADOR SALVADOR RAIMUNDO HONWANA
EDITOR SALVADOR RAIMUNDO - DISTRIBUIÇÃO RESTRITA

002/GABINFO-DE/99-Z. Verde Q.27, 1509 - expressodatarde@gmail.com - Editor: 822161930 - 848792572-salvadoraimundo@gmail.com - Moçambique

Dhlakama traído pela diabetes

FOI ontem que Afonso Macacho Marceta Dhlakama perdeu a vida, na serra da Gorongosa, província de Sofala, provavelmente traído pela crise de diabetes.

Dhlakama escapou sempre com vida sucessivamente durante a guerra colonial, defendendo a tropa portuguesa, e mais tarde defendendo os interesses da Renamo contra os da Frelimo.

Também saiu ileso das inúmeras encruzilhadas que teriam sido montadas pelos governo-Frelimo, na sequência dos conflitos a seguir aos pleitos eleitorais.

O líder da Renamo e da oposição moçambicana escapou, pois, a tantas armadilhas para depois ser traído, eventualmente, por uma crise de diabetes.

Na memória, o Acordo Geral de Paz assinado em Roma, Itália, lado-a-lado com Joaquim Chissano, que ditou o término da guerra civil que durou 16 longos anos.

Quando muitos duvidavam da capacidade organizativa de Afonso Dhlakama, nomeada no comando dos seus homens, éis que a partir de Roma o homem anuncia o cessar-fogo em Moçambique, deixando boquiaberto meio-mundo, incluindo os do governo-Frelimo.

A sua voz de comandante era cumprida à letra pelos seus homens, em todo o lado, por vezes, muito mais tarde, obrigado a puxar pelos galões para que os seus seguidores o escutassem, na necessidade de não levar avante os conflitos, ou provocações da Frelimo, antes, optando pela ponderação.

Ainda na guerra civil, interessantes episódios em que Dhlakama teria escapado às incursões do exército oficial, na boleia de uma motorizada (exímio) vestido de muher.

Aliás, todos os oficiais superiores da Renamo,

durante a guerra civil, se faziam em motorizadas, úteis sobretudo em caso de fuga e na passagem de mensagem de uma para outra posição.

Mais recentemente e quando, mais uma vez, meio-mundo julgava Afonso Dhlakama sob custódia das Forças de Defesa e Segurança, na cidade da Beira, Ponta-Gêa, o homem "sumiu" de forma misteriosa de sua residência, perante a presença de elementos armados e não armados que se encontravam a cercar o edifício.

Até à altura destas linhas não se sabe como é que Dhlakama saiu da residência para depois se fazer anunciar a partir da Serra da Gorongosa.

Pós-Roma

Um recuo para assinalar que após o acordo de Roma, no dia 4 de Outubro de 1992, veio a Organização das Nações Unidas para Moçambique (ONU-MOZ), responsável por

gerir o cumprimento do entendimento de Paz no país.

As partes, tanto o governo-Frelimo quanto a Renamo, se desconfiavam mutuamente, de tal modo que Afonso Dhlakama levou tempo para sair das matas para a cidade de Maputo, como aliás o documento assinado com Joaquim Chissano, na Itália assim determinava.

A equipa de avanço, liderada por Raul Domingos, foi rejeitando as várias propostas de residência oficial de Dhlakama, por questões de segurança.

Uma das residências mencionadas para o efeito, é onde Daviz Simango na qualidade de presidente do Conselho Municipal de Maputo.

O facto de a referida residência se encontrar do lado oposto do prédio Pigale, na Avenida 24 de Julho, em matéria de segurança, foi determinante para a nega da Renamo. É que lá de cima, de um dos apartamentos do refe-

27
anos

Sempre Consigo desde 1996

Expresso
diário electrónico

rido prédio, podia-se visualizar qualquer objecto no quintal ou no interior da luxuosa residência. Foi rejeitada de imediato, tal como outras tantas.

A polémica em torno da residência para Afonso Dhlakama só termina com a oferta do embaixador italiano em Moçambique, ao disponibilizar a sua ao líder da Renamo.

Aldo Ajello, o italiano representante especial da ONU-MOZ, teria visto os guerrilheiros da Renamo a desmobilizar e a entregar armas que nem sequer tinham qualidade para aquilo que foi a performance exibida durante os 16 anos contra o exército oficial, as Forças Armadas de Moçambique (FAM).

Tal como os homens a desmobilizar, franzinos e aparentemente sem nenhum preparo técnico-tático à dimensão da intensa guerra civil.

Em causa, soube-se mais tarde, a tal desconfiança de Dhlakama. Os verdadeiros efectivos que fizeram frente às FAM's haviam sido criteriosamente seleccionados para servir da guarda presidencial de Dhlakama e dos seus quadros superiores, outros desmobilizados de facto e um terceiro grupo provavelmente escondidos.

Os desmobilizados permaneceram em aldeias com respectivas famílias, enquanto a determinada distância controlavam armamento militar, sujeito a manutenção periódica, feita em regime de escala pelos guerrilheiros desmobilizados.

Maríngué, antiga base central da Renamo, diz-se, continuou durante largo período responsável pela manutenção do sistema de comunicação que por diversas vezes o governo-Frelimo pretendia que o mesmo fosse entregue, à luz do entendimento de Roma.

Debalde. Dhlakama sempre se mostrou contra isso, até que anos mais tarde acabou parcialmente por ceder.

Das vezes que Afonso Dhlakama concordou com o posicionamento do governo-Frelimo, foi quando da elaboração do novo organograma das Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM), tendo como base, a formação académica dos militares.

Porque os provenientes da Renamo não tiveram tempo para ir à escola, muitos foram desmobilizados de forma compulsiva, irritando a Renamo. Embora reconhece a pertinência do assunto, Dhlakama defendia que o processo passasse por um mecanismo menos compulsivo como foi realizado.

Sucessão de Dhlakama

A Frelimo, ou alguém em seu nome, nunca se simpatizou com Afonso Dhlakama como líder da Renamo e da oposição política em Moçambique.

Terá activado inúmeras iniciativas que culminasse com a queda do homem à frente da Renamo.

Esta questão levou Afonso Dhlakama a anunciar, alto e em bom som, que ele é que é a Renamo e que o partido depende dele inteiramente. Logo, sem ele à frente do partido, a Renamo não era nada.

Na altura, estava em voga uma campanha que incentivava eleições internas na Renamo que visassem o afastamento do líder. Sem sucesso.

Até que anos mais tarde, o próprio Afonso Dhlakama deixou claro que a sua morte não significaria, necessariamente, a ausência de liderança no seio do partido, pois este estava suficientemente preparada e organizada para as vá-

rias frentes.

Dhlakama temia que, com a sua morte, a Renamo fosse liderada por militantes mais perigosos que ele. E isso foi transmitindo aos da Frelimo, na sequência dos sucessivos conflitos entre as partes.

Ou seja, Dhlakama era sinónimo da paciência e que,

CFM retoma carvão sul-africano

MPM, 04 MAI - A empresa Caminhos de Ferro de Moçambique (CFM) volta a transportar carvão mineral da África do Sul para o Porto da Matola, após uma interrupção de 20 anos, fonte da instituição.

O transporte de carvão da África do Sul para o Porto da Matola usando locomotivas dos Caminhos de Ferro de Moçambique foi interrompido em 1998 devido à falta de meios, Adélio Dias, porta-voz.

As operações ficaram entregues, nestas duas décadas, à operadora sul-africana Transnet Freight Rail (TFR).

Com este retorno do serviço aos CFM, a partir de sexta-feira, a empresa pública prevê que o número de comboios que transportam car-

vões para os portos de Maputo e Matola passe de quatro para sete por dia, o que vai garantir a circulação de cerca de 21 mil toneladas por dia na linha de Ressano Garcia, que liga Moçambique e África do Sul.

Para garantir que a linha, cuja extensão é de 88 quilómetros, suporte estas operações, está em curso um plano de reabilitação.

Além da reconstrução de duas pontes, a empresa prevê a substituição de travessas numa extensão de 24 quilómetros.

A previsão da empresa é de que os comboios dos CFM transportem anualmente cerca de sete milhões de toneladas na linha de Ressano Garcia, aumentando a captação de receitas. **red**

CTA dos 28 milhões

MPM, 04 MAI - Em evento de balanço do I Ciclo e lançamento do II Ciclo do Fundo de Financiamento às Pequenas e Médias Empresas (PME's), aberto a 4 de Abril, pela Confederação das Associações Económicas (CTA) de Moçambique.

Nesta I fase, a CTA interagiu com 93 empresas nacionais e recebeu 18 projectos,

maioritariamente, da indústria e agricultura, dos quais cinco possuem os critérios de elegibilidade de acordo com o check-list para serem submetidos à análise do financiamento solicitado, e totalizam USD \$28.3 milhões, segundo Ibrahim Khabir, Vice-presidente da CTA, após o lançamento do Fundo em causa, durante cerca de um

continua pg 4

Vale de 15 milhões tons

TEM, 04 MAI - A Vale vai produzir este ano 15 milhões de toneladas em Moçambique contra a meta de 16 milhões que havia planificado, anunciou a companhia brasileira, numa redução com impacto nas previsões de crescimento da economia.

O presidente da Vale Moçambique, Márcio Godoy, diz que as cheias que assolaram o centro e o norte de Moçambique condicionaram a capacidade de produção das duas minas da Vale.

"Logo no início do ano tínhamos uma previsão de 16 milhões de toneladas. Entretanto, tivemos intensas chuvas, tanto na região de Nampula e Nacala, como em Tete, que prejudicaram bastante a nossa actividade", declarou Godoy.

Fevereiro e Março, prosseguiu, são os meses em que se registaram maiores prejuízos, levando a Vale a fixar em 15 milhões de toneladas a meta para este ano.

O ministro da Economia e Finanças já havia admitido esta queda na produção da Vale durante uma entrevista à Lusa, em Abril.

Expresso
diário electrónico

22 ANOS
1996-2018

diariamente
segunda a
sexta-feira

Na altura, referiu que a mesma deve levar a uma revisão em baixa da taxa de crescimento da economia prevista para este ano, de 5,3% para um valor não explicitado, mas que ficará acima dos 3% previstos pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), disse Adriano Maleiane.

Em 2017, a Vale produziu 11,2 milhões de toneladas de carvão, face a 5,6 milhões de toneladas em 2016, como resultado do aumento de produção na mina de Moatize II, a segunda da companhia na província de Tete, centro de Moçambique.

Márcio Godoy assinalou que a Vale ainda terá de consolidar o processo de produção de carvão em Moçambique para aproveitar na plenitude a capacidade de exportação de 18 milhões de toneladas de carvão do Corredor Logístico de Nacala - que compreende uma linha férrea de 912 quilómetros e o porto de águas profundas de Nacala, apto a receber navios de grande calado.

"A produção está a aumentar à medida que treinamos as pessoas e aperfeiçamos os processos de produção", acrescentou Godoy.

A Vale registou em 2017 um resultado líquido de 66,3 mil milhões de meticais em Moçambique, um crescimento de 31% em comparação com 2016, anunciou hoje a companhia mineira brasileira.

O director-financeiro da Vale Moçambique, Marcelo Tertuliano, afirmou que, apesar dos ganhos, a empresa ainda está longe de recuperar o investimento e os recursos que aplicou. **et/lusa**



ESTA casa entende que a morte de Afonso Dhlakama, presidente da Renamo, não vai dar lugar à crise de liderança, precisamente porque questão há muito acautelada.

O único receio dos moçambicanos está em saber responder à pergunta, pertinente. E agora?

É que, a dado momento, Dhlakama ia dizendo aos da Frelimo que cabe a ele próprio o cenário de paz e da não guerra, consciente de que em seu redor estão homens que não hesitariam em recorrer a "guerra sem quartel".

Dhlakama alertou nesse sentido "mil e uma vezes".

Impressiona que Dhlakama nem precisava de continuar à frente da Renamo, uma vez que até tem a família em Portugal para onde podia ter se mudado e optado por uma vida mais folgada, gozando de merecida reforma.

Prescindiu de tudo isso para continuar em Moçambique e, pior do que isso, nas matas da Serra da Gorongosa.

O homem esteve na tropa colonial ainda jovem. Depois integrou a guerrilha da Frente a poucos anos da independência nacional, de onde acabaria por abandonar para a Renamo, junto ao André Matsangaiça.

Em Outubro de 1992, Afonso Dhlakama assina, juntamente com Joaquim Chissano, o acordo geral de paz.

Já com a ONUMOZ a supervisionar a implementação do entendimento de Roma, Afonso Dhlakama é desmobilizado junto dos "seus" guerrilheiros, em Maríngué, província de Sofala.

Com Dhlakama, outros tantos oficiais superiores da Renamo, idos ao local do cerimonial, na boleia de novinhas motorizadas e trajados a rigor, uniforme de gala e respectivas patentes.

Em Maríngué, a desmobilização decorreu não longe da base central da Renamo e da vila-sede distrital.

A improvisada pista de aterragem foi obra dos guerrilheiros e da população local, para permitir que avionetas se fizessem com tranquilidade.

Nada disso aconteceu, uma vez que a avioneta em que nos fizemos transportar, enfrentou dificuldades - não tantas - durante a aterragem, muito por culpa de pequenas dunas.

Ao longo da caminhada para o local do cerimonial, colados às árvores o suficiente para que os forasteiros tomassem nota, panfletos da Frelimo. O guia, comandante Zero, fez questão de explicar que aquela era a zona liberdade e onde emperra a democracia.

O comandante Zero dizia mesmo que ninguém estava ali por imposição, sim por vontade própria. Ele próprio, natural de Sofala, se entregou às ordens da Renamo por acreditar na sua ideologia de implementar a democracia em Moçambique, mas para isso tinha que lutar contra a ditadura da Frelimo.

Nem com isso, lá dizia o homem, nas zonas libertadas da Renamo, outros partidos políticos, incluindo a Frelimo, tinham as portas abertas para se implementar.

À espera da desmobilização, Afonso Dhlakama foi espalhando abraços pelas dezenas de mulheres e crianças que lá se encontravam, dando a ideia de ser muito querido. Adeus ! **sr**

Moçambique entre vencedores Global inovação

MPM, 04 MAI - A empresa Boa Vita, vencedora do Future Agro Challenge Moçambique (FAC), em 2017, destacou-se entre os vencedores no Global Agripreneurs, um encontro de premiação das melhores empresas na área de inovação em agronegócios a nível mundial e que teve lugar na Turquia.

A fundadora da empresa, baseada na província de Manica, e que se dedica ao processamento e venda de pó de Malambe, opera no mercado moçambicano a três anos. Anifa Ossman e disse que a participação na competição internacional bem como a premiação permitiram mais exposição da empresa ao mercado internacional.

Num encontro em Maputo, onde foi apresentado o relatório sobre a participação de Moçambique nesta iniciativa, foram vincadas as acções que o país tem registado no fornecimento de ferramentas e oportunidades para as Pequenas e Médias Empresas no desenvolvimento de agro-negócios.

Através de competições que incentivam a inovação, a Future Agro Challenge (FAC), uma iniciativa de promoção tecnologia e práticas Evergreen para o aumento da produção e da eficiência de alimentos de maneira sustentável, procura, entre outros, capacitar as empresas nacionais através da competição e criatividade.

"A FAC ajuda as pequenas e médias empresas a expandirem seus negócios para novos mercados e proporciona incentivos e oportunidades de interação entre os

agro-inovadores" disse Elena Gaffurini, Directora Executiva e Anfitriã do Future Agro-Challenge Moçambique, tendo acrescentado que o objectivo final desta iniciativa é transformar o agronegócio num factor chave no desenvolvimento nacional.

No lançamento do relatório, Paulo Negrão em re-

presentação da Gapi falou das acções que a instituição tem realizado tendo já investido cerca de 34 milhões de meticais em projectos ligados ao agro-jovem.

No encontro realizado em Maputo foi lançada a segunda edição do FAC, a maior competição global de inovadores em agronegó-

cios aberta a participação de empreendedores nacionais que deverão posteriormente, competir com participantes de outros países.

O FAC é focado na descoberta e aceleração de organizações com soluções inovadoras para toda a cadeia de valor do sector agrícola. **redacção**

Universitários criam frangos e ovos

MPM, 04 MAI - O projecto Agro-Jovem, uma iniciativa da Gapi-Sociedade de Investimentos financiado pela Danida, acaba de conceder, na província de Sofala, financiamentos a dois projectos avícolas de jovens estudantes universitários, no valor total de um milhão e trezentos mil meticais.

Estes jovens fazem parte do primeiro grupo de estudantes universitários que estão a concluir os seus cursos de formação superior e que pretendem tornar-se empreendedores, naquele ponto do país.

Wilma Nhavoto, gerente da Gapi, em Sofala, referiu que o financiamento ora efectuado destina-se a dois empreendimentos sediados no distrito de Dondo, nomeadamente a "Ovo de Bosque" e "MP Empreendimentos", vocacionados na criação de frangos e na produção de ovos, respectivamente.

"Gostaria de apelar aos jovens para que adiram a este projecto, de modo a se tornarem empresários. Temos que evitar que, após a conclusão do ensino superior ou técnico-profissional, tenham que andar dum lado para o outro para pedir em-

prego. Temos que criar as nossas próprias empresas, para poder empregar mais moçambicanos", disse.

Por sua vez, Cláudia Vavá, da direcção provincial de Tecnologia de Sofala, considerou que o programa de apoio ao empreendedorismo foi desenhado pela Gapi, por forma a criar uma nova geração de empreendedores, sendo, neste caso, os beneficiários recém-graduados no Instituto Superior de Tecnologia Alberto Chipande.

"A estes beneficiários apelamos para que tenham muita responsabilidade e

espírito de prestação de contas, pois, foram escolhidos entre muitos e o financiamento deve ser reembolsado em tempo útil", indicou.

Importa realçar que as taxas de juro para esta operação foram fixadas em 12 por cento e o período máximo de pagamento do empréstimo é de três anos. Os empreendedores que cumprirem, cabalmente, com o calendário de amortizações receberão como investimento a fundo perdido um valor até 50 por cento do montante do empréstimo recebido e que tiver sido reembolsado. **red**

CTA-balanço

mês, a Confederação, através do Gabinete de Apoio Empresarial, divulgou através das suas diversas plataformas de interacção, informações complementares e documentos para submissão dos projectos a mais de 3200 interessados, tendo na sequência mantido contactos e interagido com 93 empresários e representantes de PME's nacionais através de reuniões, telefone e correio electrónico, prestando esclarecimentos sobre o funcionamento e auscultando

seus desafios enfrentados para o acesso ao Fundo.

Nesta interacção, por exemplo, denotou-se que, a questão da obrigatoriedade da certificação das contas, o regulamento da Lei Cambial na recepção e exportação de capitais, o pagamento do montante do Due Diligence, o tempo de processamento dos projectos e o prazo de resposta sobre o projecto, constituíram os maiores desafios. Até ao momento, a CTA recebeu-se 18 projectos de empresas. **xx/et**

Penso, Logo existo

Dean Pittman *

A-propósito do 3 Maio

NOS dias sombrios de Setembro de 1962, no meu estado natal do Mississippi, após o Governo Federal dos E.U.A. ser forçado a enviar o exército para inscrever o primeiro estudante Afro-Americano na maior universidade pública do estado, Ira B. Harkey, um editor de um jornal na cidade costeira de Pascagoula recebeu um telefonema.

“Estive numa reunião ontem à noite com algumas pessoas que querem ver-te morto”, disse o homem.

Harkey trabalhava no único jornal de Pascagoula, *The Chronicle*, e tinha redigido inúmeros editoriais nos últimos oito anos apelando à integração racial pacífica nos espaços públicos do Mississippi, tais como casas de banho, restaurantes, e fontanários, e nas suas instituições, como universidades, tribunais e órgãos legislativos. Ele estava entre um punhado de corajosos jornalistas dispostos a manifestarem-se. Embora muitos sentissem em privado que era chegada a hora da integração racial no Mississippi, poucos líderes empresariais ou religiosos, políticos ou mesmo jornalistas ousavam desafiar publicamente aqueles que clamavam por uma segregação contínua das raças, ou condenavam a violência racial no estado quando eclodissem.

Poucos dias após o aviso do autor da chamada, que não chegou a identificar-se, alguém disparou uma espingarda através da porta frontal da sede do *The Chronicle* na baixa da cidade.

Ainda assim, Harkey conti-

nuou a escrever, em 1962 e durante os tumultuosos anos que se seguiram. Face a ameaças claras e crescentes contra a sua segurança, através dos seus editoriais, Harkey condenou a violência contra os Afro-Americanos e os que defendiam a integração imediata.

Através do seu jornal, apelava publicamente à honra do povo do Mississippi para que agisse correctamente, e afirmasse o que sabia estar certo. O meu pai era também, nessa época, um jornalista no Mississippi e também recebeu ameaças por reportar sobre questões de direitos civis.

Como Harkey, ele sabia que os jornalistas devem continuar a falar, e a dizer a verdade. Estes jornalistas eram campeões da liberdade de imprensa, numa época em que tal não era fácil no Mississippi.

Qual é a importância desta história acerca de Ira B. Harkey e outros jornalistas destemidos de há mais de 50 anos atrás no Mississippi para o nosso quotidiano (hoje em dia) em Moçambique? Ela é importante porque a 3 de Maio comemoramos o Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, e há poucas semanas assistimos a ameaças e a um ataque horrível contra um conceituado comentador político Moçambicano, que foi claramente espancado por expressar as suas opiniões num programa popular televisivo. Como Harkey, o comentador político Moçambicano cumpria um dever fundamental da sua profissão: apresentava publicamente uma análise franca e directa

de eventos recentes. Existem, no entanto, diferenças-chave entre o Mississippi de então e o Moçambique de hoje.

Em primeiro lugar, ao contrário do Mississippi naquela época, Moçambique tem assistido, ao longo dos últimos anos, a uma ressurgência de debates públicos saudáveis nos jornais, na televisão e na rádio, e especialmente nas redes sociais. De igual modo jornalistas e cidadãos têm tido cada vez mais confiança, colocando questões difíceis que provocam discussão sobre os desafios enfrentados por esta grande nação.

Como Americano, e como Embaixador dos E.U.A., sinto-me encorajado sempre que um repórter Moçambicano pressiona-me com uma pergunta difícil ou desafia a minha posição política. É sempre fácil concordar. Reconhecer publicamente os desacordos e trabalhar neles de forma construtiva, no entanto, é a melhor forma de exercer a democracia.

Em segundo lugar, diferentemente da reacção silenciosa e vergonhosa no Mississippi às ameaças contra Harkey e outros, ergueu-se um coro de vozes moçambicanas condenando o ataque recente em Maputo.

Representantes da sociedade civil, oficiais do governo, e líderes dos partidos políticos denunciaram energicamente o ataque e defenderam o direito dos moçambicanos declararem livremente as suas opiniões e participarem no debate público.

Finalmente, enquanto a polícia local em Pascagoula, Mississippi pouco fez para investigar as ameaças contra Harkey, a polícia em Maputo comprometeu-se a conduzir uma investigação séria e minuciosa sobre o ataque recente, e os Estados Unidos juntam-se ao

povo Moçambicano na esperança de ver os resultados dessa investigação. Muitos no Mississippi que discordavam da segregação mantiveram-se calados por medo, frequentemente justificado, de que uma força policial na sua grande maioria racista não protegeria a sua segurança. A polícia em Moçambique tem, portanto, um papel importante e construtivo a desempenhar assegurando que os jornalistas, e todos os cidadãos, possam reportar eventos e expor opiniões num ambiente livre de violência e de intimidação.

Como diz o ditado, estudamos o passado para evitar estarmos condenados a repeti-lo, e porque nos ajuda a construir um futuro promissor.

No Mississippi, esses dias sombrios ficaram para trás, graças em parte ao espírito indomável de uma imprensa livre.

É minha esperança que à medida que avançamos rumo ao futuro, os exemplos de Ira B. Harkey, Ericino de Salema, e muitas outras vozes corajosas nos inspirem, como cidadãos dos Estados Unidos e de Moçambique, a continuarmos a defender a liberdade de imprensa que é tão fundamental para qualquer democracia.

*** embaixador dos EUA em Moçambique**

Comentário

ARTIGO interessante este o do embaixador dos Estados Unidos da América e que nos toca fundo. Nos inspira.

Mais interessante seria se, entre nós, houvessem dirigentes ou figuras de nomeada a escrever algo semelhante. Os nossos não escrevem, não...

Muitos não o fazem porque não sabem.